

## **A voz dos estudantes de ensino médio através do *stop motion* - uma prática educomunicativa<sup>1</sup>**

Marta Regina Russo FRIEDERICKS<sup>2</sup>

Daniely Silva DUARTE<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo, USP

### **RESUMO.**

O presente trabalho relata a experiência de realização de oficinas educomunicativas de produção audiovisual - *stop motion*<sup>4</sup> com alunos do ensino médio em quatro escolas públicas de São Paulo. Entendendo que a produção audiovisual feita por jovens colabora para produzir afirmações sobre si mesmos na sociedade, sobre estilos de vida e modos de ser jovens, possibilitando aos estudantes exercerem seu protagonismo de modo democrático, autônomo, promovendo a participação e afirmação da cidadania. A metodologia adotada foi a pesquisa participativa e a Educomunicação nosso paradigma norteador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Expressão; *Stop motion*; Juventude; Educomunicação; Ensino médio.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Marta Regina Russo Friedericks mestranda em Ciências da Comunicação – ECA/USP.

E-mail [martarusso.friedericks@gmail.com](mailto:martarusso.friedericks@gmail.com) ou [martarussofriedericks@usp.br](mailto:martarussofriedericks@usp.br)

<sup>3</sup> Daniely Silva Duarte mestranda em Ciências da Comunicação – ECA/USP-

E-mail: [duarte.daniely@gmail.com](mailto:duarte.daniely@gmail.com)

<sup>4</sup> O *stop motion* é uma técnica de animação que permite animar objetos através de uma sequência de fotostiradas de um mesmo ponto no qual o objeto é movido em diferentes posições, possibilitando assim a ideia de movimento.

O relato de experiência aqui proposto foi realizado no Projeto “Educação, Arte e Tecnologia - O Audiovisual nas Escolas” proposta de ação cultural oferecida a estudantes do ensino médio de escolas públicas de São Paulo, realizado em parceria com a Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP<sup>5</sup>

As oficinas de animação de *stop motion* têm como objetivo propiciar vivências criativas e reflexivas, descobrindo e entendendo o audiovisual como arte e como forma de se relacionar com o mundo, contribuir para aperfeiçoar o sentido das narrativas pessoais e sociais, promover o protagonismo e autonomia dos participantes, despertando o senso estético e crítico. O conceito e a práxis da Educomunicação foram nosso norteador.

A pesquisa realizada se caracteriza como uma pesquisa participante, que segundo Thiollent: "é um tipo de pesquisa baseado numa metodologia de observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada" (Thiollent, 1984, p. 82).

As oficinas foram realizadas em quatro escolas estaduais do ensino médio geridas pela Diretoria de Ensino Centro-Oeste. Com duração de cinco horas, sendo a primeira hora destinada à promoção de um espaço de discussão para temas relevantes propostos pelos próprios estudantes, as quatro horas seguintes foram destinadas à formação e realização de animações em *stop motion*.

Durante as oficinas no processo de produção dos filmes de animação *stop motion*, era comum estudantes em conversas informais falarem sobre si, sobre os problemas da escola e sobre a dificuldade de serem ouvidos pelos professores e diretores. Muitas vezes presenciamos professores autoritários mandando os estudantes “calarem a boca” e sendo repreendidos por emitir algum tipo de opinião.

Observamos que a estrutura física das escolas públicas na sua maioria não recebe manutenção adequada (vidros quebrados, paredes rabiscadas, carteiras quebradas, banheiros sem papel, etc.), além de parecerem com sistemas prisionais,

---

<sup>5</sup> A Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) é uma instituição de ensino e pesquisa sem fins lucrativos que há mais de 90 anos mantém cursos de graduação, pós-graduação e extensão na área das ciências sociais.

com grades de ferro espalhadas por todos os espaços internos, cerceando a circulação dos estudantes e transmitindo uma sensação de controle.

Para Carrano (1999), as escolas constituídas como “celas de aula” promovem vigilância e fechamento como alternativa ao cenário de violência das cidades, mas revela-se como uma violência escolar, segundo o autor “ Não parece contraditório que tentemos educar para a liberdade num ambiente de aprisionamento?” (Carrano, 2005, p.156).

Freire, (1996) também denunciava o desrespeito às condições materiais das escolas, que para ele impactava negativamente no aprendizado, pois há uma “pedagogicidade indiscutível da materialidade do espaço”. Como cobrar respeito pelo espaço público se não são respeitados? (Freire, 1996, p.50).

Entendemos que a escola deve ser um espaço agradável, democrático, que vise à formação de indivíduos que sejam plenamente capazes de participar da sociedade e que tenham espaços de liberdade, de diálogo e de participação.

A escola pública pouco conhece sobre seus estudantes, na perspectiva do protagonismo juvenil, é necessário escutá-los, considerar suas opiniões, enxergá-los além da condição de aluno, mas como alguém que interpreta o mundo, que ama, que sofre, se diverte, tem medos, projetos e sonhos.

Importante pensar que a globalização trouxe diversas mudanças no que diz respeito à categorização de juventude, antes vista apenas como uma etapa do ciclo da vida humana. Nas últimas décadas, no que diz respeito à educação, o conceito de juventude passa a ter mais relevância. "A juventude passa a ter um novo sentido que variam constantemente, em respostas às flutuações das circunstâncias políticas, econômicas e socioculturais" (Novaes, 1997 apud Soares, 2011, p. 23).

A partir da década de 90, um novo discurso sobre os jovens passa a fazer parte dos enunciados dos textos das organizações internacionais, das organizações não governamentais, das lideranças comunitárias e em justificativas de projetos voltados à juventude (Dayrell, 2005). O termo protagonismo juvenil ganha força nas ações feitas com e pelos jovens.

Em um aprendizado centralizado no estudante, palavras como qualificação para a democracia, protagonismo, participação, dar vozes aos jovens, estão

---

frequentemente nos discursos educacionais, mas será que realmente estes jovens estão conseguindo falar? O que falam sobre si? E principalmente, quem está ouvindo essas vozes? Como eles estão se expressando?

Ninguém vive plenamente a democracia nem tampouco a ajuda a crescer, primeiro, se é interdito no seu direito de falar, de ter voz, de fazer o seu discurso crítico; segundo, se não se engaja, de uma ou de outra forma, na briga em defesa deste direito, que no fundo, é o direito também a atuar (Freire, 1997, p.60).

Segundo os marcos legais que acompanharam a Instituição da Política Nacional de Juventude e pelo Estatuto da Juventude Nacional, a juventude é constituída por indivíduos entre 15 a 29 anos e a idade correta para ingressar no ensino médio deve ser aos 15 anos e finalizado até os 17 anos.

Embora haja essa classificação etária, não significa que estamos falando de uma juventude única. Hoje, a categoria juventude deve ser pensada a partir de uma pluralidade, uma polissemia de conceitos, segundo Alvin:

Tratar a categoria juventude utilizando-se do critério ‘unívoco’ como forma classificatória significa anular qualquer diferença nas formas de manifestação do fenômeno da juventude. Erigida e nomeada a partir daí, tal realidade impede que se construam sujeitos sociais historicamente diversos, com trajetórias diferenciadas, como grupos e indivíduos que participam da delimitação de um campo como protagonistas em movimento (Alvim, 2000, p.9).

Contudo, não basta pensar na juventude sem levar em conta onde ela está situada, ou seja, de que jovens e adolescentes estamos falando, pois entendemos que a juventude é uma construção histórica social.

Para Dayrell, (2005) construção da identidade é antes de tudo um processo relacional, ou seja, um indivíduo só toma consciência de si na relação com o outro. É uma interação social, o que aponta para a importância do pertencimento grupal e das suas relações solidárias para o reforço e garantia da identidade individual.

Assim, a identidade deve ser uma construção que cada sujeito faz por meio das relações que estabelece com o mundo e com os outros.

Para Hall, (1987) a identidade é continuamente formada e transformada em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2000, p. 13).

A Educomunicação, por seu caráter relacional, tem seu olhar voltado para as relações dos estudantes com os professores, com a escola, com seus colegas e consigo mesmos. Assim, nossa atividade com o *stop motion* buscou sempre proporcionar espaços de fala e de “escutas” em todos os momentos de produção dos filmes de animação realizados nas oficinas.

Nosso objetivo em realizar oficinas de *stop motion*, além de habilitar os estudantes para o uso da linguagem audiovisual pretende criar "ecossistemas comunicativos" que, conforme Soares, "trata-se de um ideal de relações, construídos coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e suas tecnologias" (Soares, 2011, p.44).

A proposta de produzir um filme de animação *stop motion* possibilitou, segundo eles, uma experiência criativa, estimulante e que trouxe novos saberes.

A maioria dos estudantes se envolveu com a atividade, principalmente na criação de personagens feitos de massa de modelar, uma demonstração de que o fazer lúdico não encontra espaço no ambiente escolar. Palavras como "me diverti muito" apareceram na maioria das avaliações feitas após a participação na oficina.

Por ser o *stop motion* uma técnica que exige organização e planejamento, principalmente na fase de tirar fotos e manipular os personagens, para muitos estudantes pareceu ser uma atividade trabalhosa, mesmo para os projetos de fácil execução. Acostumados com a aceleração do tempo, onde tudo é imediato, ficar algumas horas focados para obter um resultado de 30 a 50 segundos de animação pareceu ser um excelente exercício de concentração.

Quanto à participação ativa nos processos de produção, percebemos uma grande desigualdade na participação dos estudantes. Diferente do que muitos imaginam, que pelo simples fato de estarem com um dispositivo móvel em suas mãos a maior parte do tempo, que isso possa representar que possuam vasto conhecimento técnico, pudemos constatar o contrário, por exemplo, poucos

estudantes sabem como fazer uma edição de vídeo, baixar músicas e têm conhecimento de aplicativos que possibilitem a produção de um conteúdo de autoria.

Embora nossa proposta de utilizar o *stop motion* na escola não seja para formar futuros animadores, cremos que através dessa técnica de animação podemos desenvolver nos estudantes competências necessárias para que possam lidar com as exigências do mundo moderno. Competências de comunicação, expressão, criatividade, resolução de problemas, planejamento, pensamento crítico, trabalho em equipe, (lembremo-nos das propostas de Dewey<sup>6</sup> e as contribuições metodológicas de Freinet<sup>7</sup>), senso estético, argumentação, cultura digital, empatia e protagonismo.

Quando solicitados para se dividirem em pequenos grupos para produzirem suas animações, os estudantes são desafiados a expor suas ideias, sentimentos e opiniões. É um momento em que ocorre um grande fluxo de comunicação e interações entre eles. Sempre com temática livre, os estudantes são encorajados a falarem sobre assuntos que tenham alguma significação para eles. Temas como bullying, racismo, suicídio ou desmotivação têm sido recorrente nas animações. Algumas turmas com engajamento mais político trazem para os roteiros questões sobre meio ambiente, as mazelas sociais causadas pelo capitalismo e questões sobre as pressões que as mídias exercem sobre eles, ditando padrões de moda e comportamento.

Outro ponto importante quando propomos trabalhar com o *stop motion* está na possibilidade de incentivar os estudantes a acessarem as várias linguagens: a oral, a escrita, a visual e a sonora. Além de ser uma forma de expressão, permite que os jovens como produtores reflitam sobre si mesmos, sobre a sociedade e modos de ser.

---

<sup>6</sup> Dewey J. **Democracia e educação**. São Paulo: Nacional, 1952

<sup>7</sup> Freinet, C. **Técnicas da escola moderna**. 4ed. Lisboa: Estampa, 1975.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática educomunicativa feita através do *stop motion*, a criação e o desenvolvimento de “ecossistemas comunicativos” permitiu que fossem abertos espaços para a expressão e comunicação, trazendo resultados positivos para a ampliação das vozes e escuta dos estudantes de ensino médio. Muitas vezes tratados como uma massa estudantil, na qual não são levadas em consideração suas identidades, seus modos de ser e seus modos de interpretar o mundo, passam a ser cobrados de serem protagonistas, para atenderem aos discursos dos textos das organizações internacionais, das organizações não governamentais, sem que a escola realize ações que possibilitem a participação verdadeira do estudante. A Educomunicação como parâmetro das atividades realizadas apontou para o desenvolvimento dos estudantes, dando a eles maior autoestima, uma postura ativa e criativa, alegria no aprendizado entre outras habilidades. Acreditamos estar no caminho certo para colaborar de forma que a educação seja mais inclusiva, democrática e que devolva aos estudantes o brilho no olhar ao aprender e atuar na construção de seus conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Rosilene. **“Olhares sobre a juventude”** In. Juventude, cultura e cidadania. Comunicação do ISER. Ano 21, edição especial. 2000.

CARRANO, Paulo. **A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes** in. Revista o social em questão, XV(27) 2005. [http://osocialemquestao.ser.pucrio.br/media/OSocial27\\_Carrano1.pdf](http://osocialemquestao.ser.pucrio.br/media/OSocial27_Carrano1.pdf) acesso: 19 jul. 2024.

DAYRELL, Juarez T.; GOMES, Nilma L.; LEÃO, Geraldo M. P. **Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas**. Região Metropolitana de Belo Horizonte. Relatório Preliminar dos Grupos de Diálogos. Belo Horizonte, junho, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora-sim-tia-não-Cartas-a-quem-ousa-ensinar**. <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/> acesso em: 19 julho 2024.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução Daniel Miranda e Willian Oliveira- Rio de Janeiro: Ed. PUC -Rio Apicuri, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SOARES, Ismar Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo, Paulínia, 2011.